

INPECC INVESTIGA PERFIL DOS ESTUDOS SOBRE COMUNIDADE NA ÁREA DA COMUNICAÇÃO ¹ INPECC INQUIRES ABOUT THE OUTLINE OF COMMUNITY STUDIES IN THE COMMUNICATION FIELD

Raquel Paiva ²

Juciano de Sousa Lacerda ³

Patrícia Gonçalves Saldanha ⁴

Resumo: O Instituto Nacional de Pesquisa em Comunicação Comunitária (Inpecc) inicia sua plataforma na área com uma pesquisa que pretende realizar uma radiografia da produção científica produzida em cada Região do país, por meio de pesquisa bibliográfica dialogada e participativa. Aqui discutimos os resultados iniciais da pesquisa exploratória que começou em 2013 e que apontam para um alentador número de produções com especificidades regionais significativas. A pesquisa pretende realizar o “conceito de comunidade gerativa” a partir do caráter arqueológico dos estudos sobre comunicação comunitária e suas variações temáticas, como alternativa, contra-hegemônica e cidadã. Paralelamente, à pesquisa exploratória, propomos empreender um percurso pela proposição conceitual das possibilidades atuais do uso do conceito de comunidade propondo a ideia de “comunidades do afeto”, supondo que o sensório seja evocado globalmente em outras formas “gerativas”: compaixão, solidariedade e cuidado coletivo.

Palavras-Chave: Comunidade. Comunicação comunitária. Pesquisa em comunicação.

Abstract: The National Institute for Research in Community Communication (Inpecc) starts its platform in the area with a research that aims at performing an X-ray of scientific production in every region of the country, through dialogic and participatory literature. Here we discuss the initial results of the exploratory research dated 2013 which brings forward an encouraging number of productions with significant regional differences. The research aims at putting into practice the concept of “generative community” starting from the “archaeological” character of studies on community communication and its thematic variations, such as alternative, counter-hegemonic and civic biases.

1 Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Cidadania do XXIII Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal do Pará, Belém, de 27 a 30 de maio de 2014.

2 Professora Associado IV da UFRJ e pesquisadora 1A CNPq, Coordenadora do Lecc-UFRJ, Doutora, paivaraquel@hotmail.com

3 Professor Adjunto III da UFRN, Docente do PPgEM-UFRN, Coordenador do Lapeccos-UFRN, Doutor, juciano.lacerda@gmail.com.

4 Professora Adjunta III da UFF e membro do LaPA-PPGMC (Laboratório de Pesquisa Aplicada), Coordenadora do Laccops, Doutora, patsaldanha@globocom.com

In order to run a parallel to the exploratory research, we propose to inquire into the current possibilities of making use of the concept of community under the general idea of "communities of affect", on the assumption that the sensorial aspects of life may apply to ways "generative ways": compassion, solidarity and collective care.

Keywords: *Community . Community communication . Communication research.*

1. Introdução

Um dos teóricos mais citados no final dos anos 80 pela área da comunicação no Brasil era o francês Paul Virilio. Compreensível, uma vez que suas teorias pareciam ajustar o entendimento dos novos tempos e suas mutações ao advento no cotidiano das novas tecnologias. A *dromologia* foi uma das hipóteses mais promissoras, porque evidenciava a compressão (ou encurtamento) do espaço pela aceleração do tempo. Ao longo dos anos, os críticos da nova era informatizada puderam discordar, mas jamais deixar de considerar a temática, uma vez que ela hoje se insere em termos práticos no cotidiano comum por meio da profusão de objetos técnicos que concretizam a velocidade como valor social. Entretanto, o seu mais recente trabalho, “A administração do medo”,⁵ possibilita o entendimento da era atual a partir da aglutinação pelo medo, pelo pânico, pelo terror. O cerne deste novo trabalho de Virilio que se pretende discernir neste trabalho é a sua perspectiva do quanto o medo, feito objeto de terror através dos meios informacionais, cria “comunidades de emoções” numa escala global (VIRILIO, 2007, p.31).

A conectividade a partir do sensório (afeto, emoções), explicitada por Virilio, encontra-se em sintonia com a argumentação que perpassou o ambiente da Compós, pela primeira vez, em 2011,⁶ sob o título de “comunidade do afeto”. A utilização naquele momento da tela de Géricault⁷ como exemplo do ápice do sentimento de finitude

5 “The administration of fear”, 2007, Ed. Semiotex, Los Angeles.

6 “A comunidade do afeto – novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total”

7 “Le radeau de La Méduse” do francês Théodore Géricault sobre o naufrágio de 1816, próximo ao Senegal, com 150 pessoas, quando os 15 sobreviventes tiveram que recorrer até mesmo ao canibalismo.

pretendia ter força suficiente para chamar atenção para esses novos e atualíssimos grupamentos movidos especialmente pela “sincronização das emoções” (VIRILIO, 2007, p. 32).

Na argumentação de Virilio, um objeto de terror é sentido globalmente em função da velocidade absoluta das ondas eletromagnéticas, gerando um ambiente de terror, não mais o atômico, e sim o informacional. Diferentemente do que até então se corroborava como marca da sociedade global — a estandartização e a padronização da informação advinda desse ambiente de transmissão instantânea e generalizada —, Virilio toma outra direção. Para ele, a sincronização agora em jogo ultrapassa, e muito, esse cenário. A sincronização que se estabelece não é mais de opiniões, mas de emoções, ou seja, o que ele nomeia como um momento de “democratização das emoções”, para o pior e para o melhor.

Este novo cenário, desenhado especialmente a partir da consolidação da informatização no cotidiano, com sua nova concepção de tempo e espaço, pode efetivamente produzir ou fortalecer um individualismo de massa, no entanto compartilhado emocionalmente. É interessante compreender também que, nesta concepção, as afinidades não são monolíticas e se conectam fractalmente, aos pedaços, como descreve o arquiteto e filósofo francês.

Interessa-nos em particular esse cenário descrito por Virilio, principalmente pela sua clareza e objetividade. Entretanto, ainda que não se possa deixar de admitir que, possivelmente, o medo seja a força aglutinadora mais forte, como também já previa Hobbes em seu “Leviatã”, e muito bem reinterpretado, pelo viés da concepção do comunitarismo, pelo italiano Roberto Esposito, em “*Communitas*” (1998), pode-se supor que o sensório seja evocado globalmente também em outras formas, até mesmo pela compaixão, pela solidariedade, pelo cuidado coletivo.

Esse “sentimento” de solidariedade, apesar de aparentemente etéreo, como julgariam alguns, tem-se demonstrado bastante concreto para a inserção na esfera pública de temáticas capazes de fazer avançar as políticas em prol do convívio social. A argumentação lógica e racional neste ambiente de vigência do sensório demonstra-se cada vez mais como uma etapa posterior. O embate de ideias na esfera pública suscetível de

promover mudanças sociais tem-se revelado insuficiente, em especial no âmbito da política, como bem observa o filósofo francês Jaques Rancière,¹ no seu “A partilha do sensível” (2009), sobre a força do argumento estético.

Talvez por isto mesmo a perspectiva do pragmatista americano Richard Rorty soe ainda hoje como um aceno para um projeto concreto. Rorty⁸ dizia e demonstrou lá pelos idos do final do século passado que a solidariedade não é um sentimento natural. O homem, segundo ele não sente compaixão naturalmente. Rorty insistia que apesar de não ser um sentimento natural, ele pode ser criado. E como? A partir de narrativas.

Por que narrativas? É que, no âmbito da tecnologia eletrônica, palavras, sons, imagens e discursos podem ser convertidos em algoritmos, cuja função combinatória é fortemente organizativa sem dependência de processos estritos de significação. Surge uma forma de vida que, ao modo de uma orientação existencial, tenta impor-se em termos universais por meio de relações sociais que espelham a lógica ou a ide estrutura visível e consciente do mercado de bens e serviços. Nesse contexto, as narrativas sobre o mundo contribuem para moldar estilos de vida e formas de ação social, eventualmente alternativos à lógica combinatória dominante, que apenas dá continuidade à velha “virtude republicana”, agora estendida ao plano do consumo massivo. Na forma de subjetivação decorrente, predomina um princípio (político, jurídico) de igualdade que nivela, de modo conflituoso, os qualitativamente desiguais. Este é o território histórico da cidadania, hoje deslocado pela dominância do mercado de consumo. O consumo neutraliza a dinâmica tensional inerente ao jogo democrático da cidadania ativa e abre o caminho sociopolítico para a pasteurização do jornalismo.

Essa nova forma de consciência coletiva constitui hoje um ecossistema tecnológico colado ao mercado. Assim como na esfera da economia a conversão dos mais pobres à teoria do livre-mercado incrementa a cruel indiferença humana do economicismo, a conversão acrítica da sociedade ao ecossistema tecnológico leva, na esfera da comunicação, ideia enganosa de que tudo o que é humanamente importante se acha na esfera hegemônica da mídia, sendo considerados socialmente válidos apenas os

8 RORTY, Richard “Contingencia, ironia e solidariedade”, Editorial Presença, 1994.

discursos legitimados pela articulação das instituições hegemônicas com os dispositivos de informação.

A aparente virtude democrática dessa realidade contribui para ocultar o fato de que a real liberdade de expressão e de ação consiste na possibilidade de se estar também *fora* da midiaticização e de suas injunções simbólicas. Em outras palavras, é necessariamente ético-política, e não apenas técnica, o que leva a indagações fundamentais sobre a apreensão intuitiva dos valores no espaço social, a exemplo da *piiedade* (em seu sentido radical de debruçar-se sobre o outro) enquanto solidariedade instintiva e primeira. Um sentimento desta natureza é socialmente imprescindível, na visão de Rorty.

Por isso, o método de Rorty baseava-se na produção de discursos comoventes, com vocabulários criativos sobre as injustiças e sobre situações e populações massacradas e excluídas. Narrativas ainda que, segundo ele, deveriam ser produzidas por duas categorias de profissionais: os literatos e os jornalistas. Sua perspectiva estava fincada no trinômio de Dewey: comunidade, democracia e educação. Um conjunto harmônico de forças capazes de alterar de maneira positiva a sociedade.

Há certamente resistências teóricas à palavra “narrativa” fora do contexto especificamente literário. Há quem prefira preferir ater-se ao termo *caso* como uma forma de elaborar narrativamente um movimento que se apresenta como evento individual ou microsocial. Mas seja na ficção literária ou na vida quotidiana a narração de um caso tem um espectro tão amplo de funções que pode acolher até mesmo a argumentação, sem que, entretanto, disponha em sua estrutura interna dos elementos do discurso argumentativo, dando vez à forma da narrativa.

Foi, precisamente, mobilizados pelas ideias rortyanas que chegamos à ideia da “comunidade gerativa”, ou seja, a pulsão de grupos capazes de produzir ações, narrativas e imagens, provocando o surgimento de novas ordens e informações no cenário global.⁹ Temos sempre trabalhado com a ideia de comunidade referida a pôr uma tarefa em comum, pondo o coletivo em oposto ao particular. Insistimos na concepção do ser-em-comum da comunidade como a partilha de uma realização, e não a comunidade de uma

9 PAIVA, Raquel “Comunidade Gerativa” em PERUZZO, Cicilia. Vozes Cidadãs, Angelara, 2004, p.57-74.

substância. Em outras palavras, comunidade não como o mero convivalismo num território, mas como o compartilhamento (ou uma troca), relativo a uma tarefa, implícito na obrigação simbólica que se tem para com o Outro.

Inúmeras têm sido as aplicações dessa perspectiva com resultados bastante positivos. O Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC) da UFRJ, implantado em 1999, tem sido a mola propulsora de inúmeras intervenções baseadas no conceito de “comunidade gerativa”.

No momento atual, com a criação do Inpecc (Instituto Nacional de Pesquisa em Comunicação Comunitária) que reúne mais dois importantes laboratórios – o Laboratório de Investigação em Comunicação Comunitária e Publicidade Social (Laccops), da UFF-PPGMC, e o Laboratório de Pesquisa e Estudos em Comunicação Comunitária e Saúde Coletiva (Lapeccos), da UFRN – se lança o primeiro desafio: o de tentar perscrutar o que a área da comunicação tem refletido sobre o tema? De que maneira tem sido a intervenção da área da comunicação sobre a plataforma da busca por formas inclusivas e alternativas de comunicação? De que maneira a área tem trabalhado a temática da comunicação comunitária em cada Região do Brasil, a partir dos primeiros levantamentos dos resultados de pesquisas em programas de pós-graduação, em grupos de pesquisa (núcleos, laboratórios, eventos internos), em publicações/congressos/eventos científicos e na graduação (iniciação científica)?

2. O Inpecc e a consolidação da comunicação comunitária

Criado no final de 2013, o Inpecc reúne três laboratórios/núcleos de pesquisa vinculados a três programas de Pós Graduação em Comunicação, de três Universidades Federais. O Lecc é vinculado ao PPGCOM-UFRJ, o Laccops, que é ligado ao Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da UFF, e o Lapeccos integra ações junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da UFRN. O Instituto reúne pesquisadores-sênior, estudantes de doutorado, mestrado e graduação. A perspectiva comunitária, nos últimos 15 anos, tem se firmado no campo comunicacional não apenas como objeto empírico, mas principalmente como demanda de parceria com os novos

sujeitos coletivos e minoritários que se fazem progressivamente visíveis no espaço público nacional, desde as periferias até os centros. A criação de um instituto de pesquisa na área da comunicação comunitária tem o objetivo de contribuir, estrategicamente, para a consolidação da pesquisa, na medida em que concentra esforços e possibilita interfaces com instituições que investigam a temática em nível nacional, ao mesmo tempo em que permite intensificar, de forma permanente e formalizada, os canais de intercâmbio em nível internacional. Com ações integradas, intercâmbio e reuniões de cooperação regular, o Inpecc passa a gerenciar as pesquisas dos seus membros, de maneira a reunir a reflexão sobre os trabalhos realizados pela área bem como contribuir com avanços para o campo.

Feita essa digressão sobre o Inpecc, retomamos as questões de partida aventadas no final da introdução, que organizam o processo de pesquisa desencadeado pelos laboratórios que integram o instituto. O primeiro objetivo é explorar o que a área da comunicação tem refletido sobre a comunicação comunitária. O passo seguinte é de caracterizar os modos de intervenção da área da comunicação sobre o conjunto de ações e processos que buscam por formas inclusivas e alternativas de comunicação. Por fim, pretendemos arquitetar uma radiografia da(s) maneira(s) como a área tem trabalhado a temática da comunicação comunitária em cada Região do Brasil, a partir dos resultados de pesquisas produzidos em programas de pós-graduação, em grupos de pesquisa, na iniciação científica, acessíveis em revistas científicas de PPGs e em anais de congressos/eventos da área e conexos, que estabelecem e mantêm interface com o campo comunicacional.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter teórico, com perspectivas de gerar resultados qualitativos e quantitativos, a partir de uma metodologia aberta, dialógico-participativa, ou seja, construída em conjunto com os grupos, núcleos, laboratórios, programas de pós-graduação e pesquisadores individuais que queiram contribuir e, ao mesmo tempo, produzir reflexões consistentes sobre a temática. O caráter teórico diz respeito a identificar no conjunto de trabalhos científicos que serão analisados a capacidade de tecer uma rede conceitual articulada em vista da compreensão do que está sendo problematizado (BONIN, 2011, p. 25).

Em que medida as formulações e conceitos acerca da comunicação comunitária dão conta das novas realidades em que se manifestam o comum, os afetos, os vínculos? Nessa perspectiva, “muito do conhecimento acumulado deve ser submetido à crítica e alargado” (BONIN, 2011, p. 25). A pesquisa bibliográfica, de caráter teórico, não se confunde com uma mera revisão de literatura, “exige uma reconstrução das estruturas teóricas em análise, possibilitando um distanciamento crítico que o leve a uma compreensão aprofundada e a possíveis reformulações renovadoras da problemática teórica” (MALDONADO, 2011, p. 295). Para isso, temos consciência de que o nosso saber não ultrapassa ou é superior aos saberes construídos por nossos pares, pois o conhecimento científico se consolida por essa capacidade de questionar e ser questionado, como processo coletivo e dialógico. É desta forma que compreendemos uma metodologia de pesquisa bibliográfica participativa: partir de nossas inquietações, mas sem perder de vista as questões e angulações que nossos pares podem trazer para o processo investigativo, uma vez que também eles produzem conhecimento sobre comunicação comunitária. É um processo em constante devir, que necessita de abertura e encontro com o outro, também sujeito investigador. “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história” (FREIRE, 2011, p. 133).

Partimos da postura epistemológica de que “a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório” (LIMA; MIOTO, 2007, p. 38). Logo, é preciso definir um conjunto de procedimentos e critérios capazes de nos fazer chegar aos objetivos propostos. Ao mesmo tempo, não tomaremos esses procedimentos como definitivos, mas como passíveis de serem repensados e rearticulados, em função da diversidade do material empírico a ser coletado e sistematizado. Num primeiro estágio, estamos num processo de leitura de reconhecimento (LIMA; MIOTO, 2007), que requer uma lida rápida com objetivo de localizar e selecionar os textos que tenham algum tipo de relação com a comunicação comunitária. Para esse processo, definimos como palavras-chave de partida “comunidade”, “comunitário(a)”, “cidadania”, “alternativa”,

“popular”, “favela” e “contra-hegemonia”, identificando num primeiro momento, os títulos dos trabalhos, os autores/orientadores e instituições de origem da produção. Esta coleta de dados vem sendo feita manualmente numa planilha tipo *excell*, mas no decorrer da investigação, a partir dos resultados exploratórios, será desenvolvida uma ferramenta *on line* em formato *open access*, que possa ser alimentada intuitivamente por qualquer grupo/investigador que tenha interesse em participar e contribuir. Haverá, portanto, um duplo movimento de coleta de dados. Tanto faremos a busca ativa desses materiais para cadastrar informações necessárias no banco de dados, como provocaremos os sujeitos interessados em participar a alimentar também o sistema. Nas fases subsequentes da investigação, no processo de filtragem dos textos coletados para análise, desenvolveremos processos de *leitura exploratória*, *leitura seletiva*, *leitura crítica* e, por fim, *leitura interpretativa* (LIMA; MIOTO, 2007, p.41).

A proposta geral tem como meta partir do estado-da-arte atual, de artigos em congressos/eventos, revistas científicas e bancos de dissertações/teses, até alcançar três fases de regressão no tempo histórico:

- a) primeira fase: os 15 anos mais recentes (duração de 1 a 2 anos);
- b) segunda fase: os últimos 30 anos (duração de 2 a 3 anos);
- c) terceira fase: alcançar 50 anos da pesquisa em comunicação comunitária, ou seja, chegar aos textos fundadores dessa perspectiva (duração de 5 anos).

Para efeitos do presente artigo, realizamos um primeiro exercício de pesquisa exploratória sobre um conjunto de diferentes trabalhos de pesquisa, iniciado em novembro de 2013. Como método, a pesquisa exploratória possibilita exercícios de aproximação e cotejamento da problemática que estamos construindo sobre a comunicação comunitária. Permite o processo de “elaboração de configurações teóricas sensíveis aos objetos concretos da realidade comunicacional e suscitam o aprofundamento de dimensões que se revelam importantes na sua configuração” (BONIN, 2011, p. 40). As primeiras ações foram realizadas no sentido de coletar os títulos, autores, instituições e ano, no caso de teses e dissertações. A ação também foi realizada em revistas científicas disponíveis em sites dos programas de pós-graduação em comunicação no País. Trata-se de um trabalho em fase embrionária, mas que se pretende

bastante largo, na tentativa também de abarcar a produção da graduação. Neste sentido, até o momento estão parcialmente coletados os trabalhos de conclusão de curso e de iniciação científica produzidos no âmbito da Escola de Comunicação da UFRJ, uma vez que LECC tem acesso direto aos dados. Temos consciência de que é um trabalho homérico, pois representa mapear e averiguar bancos de dados de 44 programas de pós-graduação com 63 cursos *stricto sensu*, sendo 20 doutorados, 42 mestrados acadêmicos e 1 mestrado profissional (CAPES, 2013). A produção dos cursos de graduação será levantada a partir dos artigos de iniciação científica publicados nos anais da Intercom (evento denominado Intercom Júnior) e em bancos de dados de TCCs dos cursos de graduação em comunicação de todo o país.¹⁰

O desafio está lançado e não apenas para o Inpecc, pois se trata de uma radiografia da área que interessa a todos. Isto por que se num primeiro momento vamos ter visibilidade sobre temáticas, autores e instituições, em seguida poderemos estabelecer conexões com o momento histórico, com as intervenções geradas por estas produções teóricas. Temos como proposta uma radiografia por representar, analogamente, um processo de produção de imagens que possibilita observar um material cuja composição não é uniforme, a exemplo do corpo humano. Da mesma forma, temos como premissa que a realidade da pesquisa e da produção científica sobre comunicação comunitária no Brasil não é uniforme e sofre diversos agenciamentos. Nessa linha, acreditamos que a produção em torno das temáticas por região é um dos enfoques mais ricos que podemos produzir. Certamente, ao final de todas as fases da pesquisa, teremos condições de espelhar para a área de que maneira ela tem atuado no que tange a temática da inclusão e mudança social. Reconhecer-se certamente é o primeiro passo para intervir de maneira mais direta e pontual, como bem sabem todos os que trabalham empiricamente com a questão da comunicação comunitária. Voltar-se ao mapeamento da produção de conhecimentos sobre a comunicação comunitária tem como um aspecto relevante a

10 Segundo pesquisa desenvolvida no Departamento de Sociologia e Ciência Política da UFSC, há mais de 300 cursos de jornalismo no Brasil (MICK; LIMA, 2013). Dados de 2010 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)/Ministério da Educação (MEC), já apontavam 307 cursos de Publicidade, 164 de Rádio e TV, 71 de Relações Públicas, 21 de Cinema, 19 de fotografia, 14 de Produtor de Rádio e TV, 6 de Produção Editorial e 2 de Múltiplos (ULTIMO SEGUNDO, 2013).

pesquisa bibliográfica que fortalece a docência crítica e atuante (FREIRE, 2011), num âmbito em que o conhecimento vindo da experiência e o conhecimento produzido com rigor científico, tem como meta aliar-se em vista da transformação social e política. Ou seja, conhecer para intervir. “Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo” (FREIRE, 2011, p. 31).

3. Considerações Finais

A fim de iniciar o processo de construção panorâmica da Comunicação Comunitária, e considerando a pesquisa exploratória como método apropriado para iniciarmos processo de radiografia, uma vez que estamos em processo inicial de levantamento de dados, optamos por dividir o trabalho, no primeiro momento, em três partes representadas em gráficos que facilitam a visualização dos dados levantados até então. Os dados estão assim representados:

1ª parte → Contém um gráfico que mapeia as Teses de Doutorado e as Dissertações de Mestrado desenvolvidas de 1977 até 2013, nas 5 regiões brasileiras. Os termos estruturantes mais evidentes nessas produções específicas são: comunidade, comunicação comunitária, contra-hegemonia. Dos 401 trabalhos levantados, 44 não identificam a região em que foram desenvolvidos e percebe-se nitidamente a região Sudeste tem uma produtividade muito expressiva.

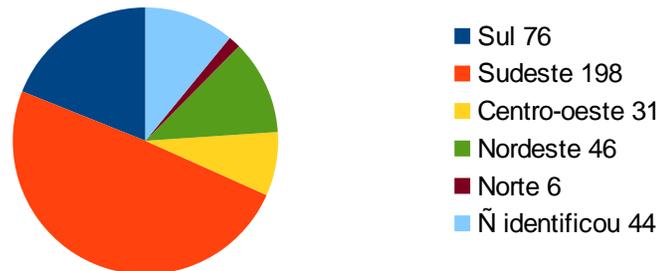
2ª parte → Contém 2 gráficos estruturados numa amostragem significativa, uma vez que os trabalhos desenvolvidos pela ECO -UFRJ são quantitativamente expressivos. Desta forma, torna-se possível ter uma noção concreta da situação do financiamento das pesquisas de Pós-Graduação e de Graduação. O levantamento de dados teve como recorte apenas os trabalhos da Comunicação desenvolvidos pela UFRJ, uma vez que foi obtido pelos pesquisadores do LECC na fase inicial desta pesquisa. Obtido no portal da CAPES, já demonstra como o investimento na Comunicação Comunitária ainda é escasso, já que o

número de investigações sem financiamento ou com financiamento sem identificação, é quase igual aos projetos financiados no caso da graduação e chega a superar as pesquisas financiadas no caso da Pós-Graduação.

3ª parte → Composta por 3 gráficos, a terceira parte do levantamento inicial da presente pesquisa teve como objetivo compreender a consistência da produção científica da Comunicação Comunitária tanto em termos quantitativos, como em termos qualitativos em função das palavras-chave utilizadas. A publicação dos 225 artigos científicos em 16 Revistas conceituadas entre 1997 – 2013 confirmam que a produção na região sudeste é maior do que em outras regiões do país o que consequentemente desequilibra o processo investigativo da área. Já a participação em Congressos e eventos da área tem uma participação mais ativa como demonstram os gráficos do Intercom (2012-2013) e o de congressos que fazem interface com a área. Um ponto importante foi a frequência com que termos como contra-hegemônico e alternativo que apareceram na Socine, bem como a quantidade de trabalhos publicados apenas em 2012. Decidimos incluir, neste primeiro levantamento exploratório, em função do acesso facilitado de obtenção de dados, eventos como ULEPICC, ALAIC e FELAFACS que já apontam a colaboração efetiva da Comunicação Comunitária para a internacionalização da área.

GRÁFICOS - PARTE 1 → Pesquisa em Comunicação Comunitária no Brasil.

GRÁFICO 1 – TESES E DISSERTAÇÕES EM TERRITÓRIO BRASILEIRO (1977-2013)



GRÁFICOS - PARTE 2 → Financiamento de Pesquisas em território nacional.

GRÁFICO 2.1 – FINANCIAMENTO DE TRABALHOS DE PÓS-GRADUAÇÃO (2000- 2009)

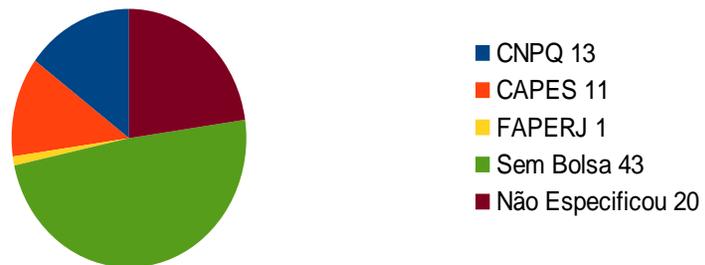


GRÁFICO 2.2 – FINANCIAMENTO DE TRABALHOS JIC (2001 – 2011)



GRÁFICOS - PARTE 3 → Publicação Científica e Participação em Congressos da área.

GRÁFICO 3 – ARTIGOS CIENTÍFICOS PUBLICADOS EM REVISTAS PPGCOM (1997-2013)



GRÁFICO 4.1 – TRABALHOS PUBLICADOS NO INTERCOM 2012-2013



GRÁFICO 4.2 – PUBLICAÇÕES EM CONGRESSOS DA ÁREA 2000- 2013



Como se pode inferir dos gráficos e tabelas, é numericamente alentadora a produção de trabalhos sobre comunicação comunitária, uma área temática que praticamente inexistia uma década e meia atrás. Resta determinar, porém, as suas reais possibilidades de inserção na vida societária em termos práticos, visando ao reequilíbrio de relações humanas afetadas pelo alargamento desmesurado do consumo e da mídia. A administração “do medo” e “pelo medo”, de que fala Virilio, é visível no ecossistema midiático e normalmente tem como subprodutos imagens ética e politicamente desfavoráveis às classes economicamente subalternas, às quais se costuma atribuir a origem da violência anômica.

O conceito de *comunidade gerativa* emerge no quadro de uma necessária revisão da narrativa como possibilidade de discurso inclusivo — ou seja, aquele voltado para a afirmação minoritária. A pesquisa e análise dos modelos narrativos presentes na grande mídia, mas também a pesquisa em direção a outras formas de narrativa atuantes na vida das comunidades periféricas e nos produtos de comunicação comunitária é um passo fundamental.

Já se assiste atualmente à eclosão de narrativas autoafirmativas espontaneamente produzidas por setores socialmente periféricos dos espaços urbanos. Isto porque como argumenta o teórico inglês Norman Fairclough, a prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: “contribui para reproduzir a sociedade (identidades

sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença) como é, mas também para transformá-la” (FAIRCLOUGH, 2001, p.92).

Por isso, a investigação dos múltiplos discursos e narrativas produzidos pelos grupos minoritários transforma-se em uma proposta vigorosa dentro da área acadêmica da comunicação. E é exatamente na perspectiva da construção de estruturas narrativas capazes de possibilitar uma compreensão e uma prática mais inclusiva e efetivamente igualitária que se constitui a comunidade gerativa.

Referências

BONIN, Jiani. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Efendy. et al. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 19-42.

CAPES. **Documento de área 2013: Área de Ciências Sociais Aplicadas I**. Brasília: Capes, 2013. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=Y2FwZXMuZ292LmJyfiHRyaWVudWwtMjAxM3xneDoyNDE0MzgzYWU5YjU3NGQ3>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

ESPOSITO, Roberto. **Communitas: origine e destino della comunità**. Torino: Einaudi Editori, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Ed. UNB, 2001.

LIMA, Telma C. S.; MIOTO, Regina C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis, v. 10 n. esp. p. 37-45, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

MALDONADO, A. Efendy. Pesquisa em comunicação: trilhas históricas, contextualizações, pesquisa empírica e pesquisa teórica. IN: MALDONADO, Efendy et al. **Metodologias de pesquisa em Comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2ª. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 277-303.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis: Insular, 2013.

MORIN, Marie- Eve. La déconstruction de la fraternité ou l'interruption du mythe. IN: **Les Cahiers Philosophiques de Strasbourg**, n. 24, segundo semestre de 2008, editado por Andrea Potestà, uma publicação do Departamento de Filosofia da Université Marc Bloch. p 131-170.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: mídia, comunidade e globalismo**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2002.

PAIVA, Raquel. Estratégias de comunicação e comunidade gerativa. IN: PERUZZO, Cicilia (org) **Vozes Cidadãs: aspectos teóricos e análises de experiências de Comunicação Popular e Sindical na América Latina**. São Paulo: Angelara, 2004, p.57-74.

PLESSNER, Helmuth. **I limiti della comunità: per una critica Del radicalismo sociale**. Roma: Editori Laterza, 2001.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Editora 34, 2012.

SODRE, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

ULTIMO SEGUNDO. **Guia de profissões**. São Paulo: 2013, Disponível em: <
<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/guia-de-profissoes/>>. Acesso em: 10 fev. 2014. DEWEY, John.
Common Faith. New Haven: Yale University Press, 1999.

VIRILIO, Paul. **The administration of fear**. Los Angeles: Ed Semiotex, 2007.